

CONSTRUÇÃO DE GÊNERO – UMA ANÁLISE DA BASE DO FEMINISMO RADICAL

Tayrine Correia de Freitas¹, Tayene Correia Freitas² e Valquiria da Silva Nascimento³

¹ ² ³ Cursando Ensino técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFTO- Campus Colinas- ¹email: tayrinelavigne@hotmail.com ²email: taycof@hotmail.com ³email: valquiria123_@hotmail.com

Resumo: O artigo presente busca uma análise do fundamento básico de uma vertente do movimento feminista, o feminismo radical (radfem). A proposta é entender a diferenciação do biológico e do histórico/cultural perante o gênero, bem como isso influencia drasticamente nas relações dos indivíduos, criando uma dicotomia de papéis na sociedade, promovendo a desigualdade social.

Palavras-chave: biológico, cultural, desigualdade social, feminismo radical, gênero.

1. INTRODUÇÃO

Quando nascemos somos designados morfologicamente ao sexo masculino ou feminino; isso se deve a uma característica física, genética, hormonal. Tais designações são necessárias em um termo médico, de extrema importância para atender as demandas e as necessidades corporais de cada indivíduo referente ao seu sexo. Sendo assim, essa é uma designação natural e cotidiana, com fins científicos.

Culturalmente somos bombardeados de designações, sejam de cunho religioso, político, e até mesmo nas opiniões críticas. Basicamente pode-se dizer que a sociedade em que nascemos nos influenciam em vários aspectos, senão todos. Existe uma diversidade cultural enorme, com características próprias de cada uma, cheias de peculiaridades e identidade única.

Dentro de todas as culturas e sociedades, há sempre a divisão de tarefas, em que cada um é responsável por determinado setor. Isso obviamente abre portas para um problema social gravíssimo, que é perpetuado historicamente através dos anos, a desigualdade.

A desigualdade surge com a divisão de classes: a classe dominadora, detentora dos privilégios, e a classe dominada, real sofredora do sistema citado. Esse modelo de classes é tão enraizado que já é totalmente naturalizado, ou seja, nem se percebe que constantemente reforçamos e propagamos o que talvez seja nosso próprio algoz.

Entendendo a importância da sociedade nas relações mais básicas de nosso cotidiano, vamos partir para a problematização, com uma análise objetiva da construção de gênero e no que ela culmina.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Os fatos e dados contidos no presente artigo, foram retirados em sua maioria de diversos sites contidos na internet, documentários e vídeos do YouTube. Bem como materiais e dados encontrados na web livre.

Também baseado no livro “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, artigos e pesquisas de acadêmicos postados na internet.

Dados foram retirados de órgãos de estatísticas e os principais blogs de notícia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sexo biológico, denominado pela característica fisiológica que nasce, é fator primordial para diversos aspectos na vida de cada indivíduo. Como por exemplo, uma menina vai usar roupas, brinquedos, mamadeira rosa, e o menino vai usar brinquedos e roupas azuis. Este é um ponto crucial da imposição e construção de gênero. Nessa fase da vida a criança não tem visão crítica, não decide suas próprias roupas e utensílios. É tudo imposto pelos seus pais. A partir do momento que a menina se vê usando rosa, e vê todas as meninas ao seu redor utilizando a mesma cor, assimila logo que “rosa é cor de menina”, sendo reforçada com situações e falas de seus responsáveis. Dessa forma tão inocente, inicia-se o processo chamado de construção de gênero.

A construção de gênero pode ser definida como um processo lento e gradativo, que divide o mundo em masculino e feminino. É um fenômeno culminado pela sociedade, que já se perdura há anos na comunidade de todos os lugares do mundo. Suas consequências são graves, e acabam por causar a desigualdade social entre homens e mulheres.

Ao longo de sua vida, a criança vai crescendo, e as imposições de gênero persistem. Um exemplo são os brinquedos e brincadeiras: meninos ganham bola, carros, pipa, para se divertirem. Já a menina, recebe bonecas, miniaturas de uma cozinha para se divertir. Supostamente algo inocente, mas que já mostra seu cunho de divisão de tarefas: a mulher sendo submetida a trabalhos domésticos, como cozinhar e cuidar de um bebê.

Tais diferenciações, mesmo que inconscientemente, garantem que a sociedade continue menosprezando a mulher e que o homem continue sendo exaltado.

A adolescência por si só é uma fase conturbada, e quando se junta às limitações sociais de gênero, pode se tornar uma prisão para o indivíduo.

Nessa idade, a pessoa já carrega uma quantidade enorme de construção de gênero, ou seja, já tem uma forte diferenciação do que é masculino e feminino socialmente. Para as meninas, é uma fase onde aprendem que devem ser meigas, que devem usar roupas recatadas, que escondam seu corpo, começam a idealizar o casamento e filhos, que sejam delicadas e etc. Para os meninos é uma fase livre, onde são estimulados a namorar, a ter suas experiências e já tem uma consciência que são privilegiados, que tem uma posição melhor e realmente livre, se comparado com as meninas.

Consequências:

Seguindo essa cronologia do crescimento de um indivíduo, desde sua infância até a adolescência, é fácil entender qual a raiz do problema dessa construção de gênero que domina as relações: ela privilegia homens e torna as mulheres subjugadas, inferiores. Desde as coisas mais simples e ingênuas, como um brinquedo, há uma forte carga de sexismo que funciona como um mecanismo mantenedor da desigualdade e que de quebra, ainda naturaliza o problema.

Na vida adulta vem então a necessidade social, onde esta garota oprimida irá ter suas relações sociais como amizade, namoro, educação e trabalho com uma maior intensidade que na adolescência.

Na parte da amizade, mesmo que camufladas, ocorrem muitos momentos de repressão e mudança no modo de se mostrar o lado feminino. Como, por exemplo, o dizer popular de que a amizade masculina é duradoura e fiel, e que isso se dá porque mulheres contraditoriamente são montadas para serem delicadas e gentis, mas na prática são vistas como falsas e fofoqueiras, verdadeiras megeras. Podemos perceber como a sociedade patriarcal determina que até na amizade o homem é superior, sendo mais merecedor da companhia de alguém.

Nas relações amorosas o sexismo é muito intenso porque cada um tem um papel previamente estipulado. Em um namoro tem-se a ideia do homem ser detentor da liberdade feminina, fator que possivelmente foi culminado pela construção social sofrida. Nesse aspecto, o ser masculino busca mandar no corpo da mulher, cria uma possessividade sobre a mesma e muitas vezes priva suas relações sociais, por ciúmes. Segundo a OMS e a ONU dos 4.762 homicídios de mulheres assassinadas em 2013, 50% foram cometidos por familiares, sendo a maioria seus cônjuges. Basicamente, a cada 7 casos de feminicídio, 4 são oriundos de pessoas que tiveram ou tinham relações afetuosas com a vítima.

Para as mulheres, há ainda uma forte imposição de casamento e filhos. Quando atingem certa idade, começam a sofrer pressão para que tenham sua própria família, como se uma vida sem marido e filhos fosse o pior dos pesadelos, coisa que os homens não sofrem.

Mesmo casadas, a repressão feminina persiste, segundo o PNAD, entre 2001 e 2012, mulheres que tem uma jornada semanal de 40 a 44 horas, ainda destinam entre 20 e 25 horas semanais ao trabalho doméstico e aos seus filhos, contra 9 horas da participação masculina. Dados que reforçam que a mulher possui jornada dupla, e que o trabalho doméstico ainda é, em sua maioria, um cuidado feminino. Cabendo aos homens apenas uma ajuda, que deveria ser obrigação.

Ainda em suas relações conjugais, a classe feminina sofre uma repressão sexual. O sexo feminino por si só, já é tratado como um tabu, isso porque nem a própria mulher conhece seu corpo. Ao longo da construção de gênero, é imposto à menina que ela não deve se descobrir sexualmente, pelo contrario, é repreendida quanto à prática. Já aos homens são estimulados a conhecerem seu corpo, e na fase adulta já sabem exatamente como obter prazer. Quando se veem frente a frente, o homem não pensa em proporcionar o prazer a mulher, satisfazendo suas próprias vontades. Nesse contexto sexual, a mulher raramente, ou nunca, sente um prazer igual ao masculino.

Abordando a comunidade LGBT, é na fase transitória de adolescência para a vida adulta que ocorre um período conturbado. Novamente estimulado pela construção de gênero, há a heteronormatividade, que impõe que a atração deve ocorrer pelo sexo oposto. Ou seja, se você é homem, se atrai por mulher e vice versa. Obviamente a diversidade natural sexual não obedece essa designação. No caso de uma pessoa que sente atração pelo mesmo sexo, há uma forte controvérsia do que sempre aprendeu e de seus instintos. E isso se torna mais conflituoso em uma pessoa que não se reconhece ao gênero que foi designado. Contextualizando, cria uma discussão entre o grupo maioria e minorias, compreendido na comunidade LGBT, marginalizando parte da sociedade.

Na educação, há uma repressão histórica. Até poucos anos atrás, mulheres eram proibidas de estudar, fato que persiste até hoje em muitos países. Atualmente no Brasil, homens e mulheres tem acesso á educação, porém a repressão não foi eliminada. É comum professores menosprezarem suas alunas, cargos altos são ocupados quase inteiramente por homens e para as mulheres não

estimulo para visar grandes objetivos, pois são canalizadas a realizações menores, cabendo ao homem ter alta qualificação e cargos importantes.

A educação recebida ao longo dos anos pela mulher vai refletir diretamente no mercado de trabalho: homens têm salários 30% maior que a classe feminina, ocupam cargos mais altos e mais importantes, sobrando as mulheres os cargos abaixo do homem.

Perante todas essas desigualdades e repressões, a mulher pode tratar isso com naturalidade, assim como toda a sociedade ensina culturalmente. Mas é inevitável que em certo momento elas não se revoltam quanto ao sistema enraizado socialmente.

Assim, ao reconhecer o cunho desigual de onde se vive a mulher muitas vezes sente uma vontade de revolucionar ou mudar a situação em que está buscando grupos com os mesmos objetivos ou fazendo por si própria.

Movimento Feminista

Diante da problematização, surgem os indivíduos e grupos que querem conceituar, demonstrar e acabar com a desigualdade.

O movimento feminista, historicamente tem uma série de lutas e conquistas em prol dos direitos das mulheres, que atualmente tem liberdade em diversos aspectos, mas que mesmo assim continuam desfavorecidas ao ser comparadas aos homens.

Dentro do feminismo geral, surgiram diversas vertentes, que buscam criar uma identidade e criar suas próprias maneiras de escapar do machismo e das desigualdades vividas. Cada uma visa atender a demanda de determinado grupo, eliminando os problemas com mais eficiência, por acreditarem na resolução a partir da propriedade do que se trata.

Daí surge o feminismo radical, que pretende denunciar com clareza como o sexismo e construção de gênero são a raiz totalitária dos problemas e desigualdades que uma mulher sofre ao longo de

sua vida. As bases do movimento feminista radical é o entendimento e a clareza de quais são os causadores primordiais do problema. A vertente busca, acima de tudo, que a comunidade, principalmente as mais afetadas, as mulheres, problematizem o que há anos é tratado como comum, que denunciem o sistema desigual, que ensinem seus filhos de forma diferente para que as novas gerações não repitam os erros cometidos no passado e no presente.

Exemplificando o movimento nas palavras de Robin Morgan: “Eu me chamo Feminista Radical, e isso significa coisas específicas para mim”. A etimologia da palavra “radical” se refere a “algo que vai à raiz”. Eu acredito que o sexismo é a raiz da opressão, aquela que, até e a não ser que extirpemos, continuará a se estender nos ramos do racismo, do ódio de classe, etarismo, competição, desastre ecológico e exploração econômica. Isso significa, para mim, que as assim chamadas revoluções até a data foram golpes de estado entre homens, em uma tépida tentativa de podar os galhos, mas deixando a raiz cravada no propósito de preservar seu próprio privilégio masculino (1978, p.9). Daí surge o intencional revolucionário do feminismo radical, que diferente das demais vertentes, que buscam uma reforma, visa um renascimento, e não uma mudança.

O movimento centraliza as experiências e interesses femininos, sendo o ponto crucial da teoria do feminismo radical, mesmo que nem todas as mulheres reconheçam que fazem parte de uma classe oprimida, a manifestação é por todas, mostrando assim a face coletiva e a compaixão presente nas mulheres que lutam pelo geral. Usa-se o termo que o feminismo radical é feito por mulheres para mulheres.

Há ainda a salientação de que a emancipação e igualdade perante o masculino é ineficiente, sendo a verdadeira solução uma revolução total de toda estruturação e hierarquização social, e a eliminação do patriarcado, que centraliza e empodera o homem.

O patriarcado é altamente denunciado nas pautas do feminismo radical. Isso se deve porque este é um sistema criado por homens, que os torna poderosos e inferiorizam a mulher. Para isso recebem auxílio de instituições como a lei, a religião, a família, tudo aquilo que mantenha, canalize, naturalize e garantam que as classes dominadoras e as classes dominadas permaneçam como estão.

6. CONCLUSÕES

Diante das exemplificações das consequências do sexismo, percebe-se que a construção de gênero feita pela sociedade, é fator primordial de vários problemas ao longo da vida do indivíduo, afetando principalmente a vida das mulheres, que são inferiorizadas e desfavorecidas no meio social.

Percebe-se também a rede infinita de instituições que mantem o sistema patriarcal da sociedade, vangloriando o homem e subjugando mulheres. Nesse contexto, vemos como tudo é enraizado profundamente em todas as pessoas, criando uma gama quase impossível de ser mudada.

Para quebrar com o sistema patriarcal, surgem os movimentos sociais, neste caso foi abordada a vertente radical do feminismo. Este que se baseia na construção de gênero como a raiz primordial do problema sofrido por todas as mulheres principalmente na vida adulta.

Entender essa questão social e acabar com ela, é de extrema importância para toda sociedade. Dados apontam que mulheres são mortas somente por serem mulheres, recebem salários menores e sofrem repressão em todos os setores possíveis da sociedade. E o pior, ninguém sequer problematiza e denuncia as desigualdades.

A importância deste artigo é reconhecer e conceituar como isso afeta na vida de cada um, como limita não só mulheres, mas homens e a comunidade inteira, que ao invés de ser tratada como uma única classe humana se divide em feminino e masculino, causando conflitos, divergências, desigualdades e até mesmo mortes.

Promover a compaixão e a empatia, se colocando no lugar do outro e entendendo como funciona a relação de poder entre opressor e oprimido são bases essenciais para acabar com todos os malefícios causados pela construção. Uma revolução não se faz sozinha, é de extrema necessidade a participação de todos, caso contrário serão feitas somente reformas que manterão o cunho de desigualdade entre homens e mulheres, que já dura anos.

AGRADECIMENTOS:

Devemos agradecimentos à nossa professora de sociologia, a qual nos incentivou a realizar este artigo, de modo a demonstrar o poder feminino, levando-o a todas que ainda não conhecem a realidade que as cerca. E, além de tudo, ser um exemplo de mulher conhecedora de seus direitos, e que luta ao nosso lado. Agradecemos ainda às colegas que se uniram nesta luta pela igualdade de gêneros, através do coletivo que reconhece que o tempo de repressão acabou, e que agora é o “Horário Feminista”.

REFERÊNCIAS:

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 1.ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo II – a experiência vivida**. 2. ed. Tradução de Sérgio Milliet . São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

COULA, K. **BRASIL é o quinto país com mais assassinatos de mulheres**. Revista Veja, 2015. Disponível em: <www.veja.abril.com.br/brasil/brasil-e-o-quinto-pais-com-mais-assassinados-de-mulheres/> Acesso em: 16 set. 2016.

Dados nacionais de violência contra a mulher. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br/dados-nacionais-sobre-violencia-contra-a-mulher/>> Acesso em: 16 set. 2016.

DINIZ, R. **Mulher e discriminação**- Faculdade Mineira de Direito. Belo Horizonte, 2006. Disponível em:<http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Direito_GuerraRD_1.pdf> Acesso em:16 set. 2016.

Brandino, G. **Mapa da violência em 2015**. Compromisso e Atitude pela lei Maria da Penha, 2015. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br/mapa-da-violencia-2015-politicas-de-prevencao-e-de-enfrentamento-a-cultura-de-violencia-sao-essenciais-para-diminuir-feminicidios-no-pais/>> Acesso em: 16 set. 2016.

PISCITELI, A. **Gênero, a história de um conceito**. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque; SZWAKO, José (Org.). Diferenças, igualdades. São Paulo: Berlendis & Vertercchia, 2009.

RODRIGUES, E. - **Feminismo radical- Pensamento e Movimento**- Revista Travessias, ed. 4, Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_004/artigos/cultura/pdfs/FEMINISMO_RADICAL.pdf> Acesso em: 16 set. 2016.

RODRIGUES, J. A. - **A construção histórica e cultural do gênero feminino e a valorização do trabalho da mulher**.

TEIXEIRA, L. - **Gênero: uma construção do movimento feminista?**- Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas ISSN2177-8248, Universidade Estadual de Londrina, 2011.

TIBURI, M. - **Márcia Tiburi fala sobre o feminismo e o papel da mulher**. YouTube, 2015. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=ZKwzGDH-468>> Acesso em: 16 set. 2016.